

Credores estão nervosos, avisa Reed

Para o presidente do Citi, linha de crédito de curto prazo podem entrar em colapso

MIRIAM LEITÃO

O presidente do Citibank, John Reed, está convencido de que as linhas de empréstimo de curto prazo ao Brasil podem entrar em colapso. Em entrevista exclusiva ao **Estado** ele revela que contou isso ao presidente Fernando Collor. Reed se declara nervoso neste início de negociação do governo brasileiro com os bancos credores. Nervoso mas nem tanto como os outros banqueiros, diz. Reed veio ao Brasil três vezes em um mês. Antes de partir para Nova York, no final da semana, em seu jatinho de 16 lugares, disse que agora terá de enfrentar uma dura batalha: "Quando chegar a Nova York, vou ter de explicar a muita gente a realidade brasileira, pois, afinal, tivemos de fazer, este ano, um write off (cancelamento de dívida) de US\$ 700 milhões".

Altos funcionários do governo brasileiro dizem que esta vai ser uma semana decisiva na carreira de John Reed. A sua administração tem sido criticada pela imprensa e pelo mercado financeiro e será posta em xeque numa reunião da junta diretora do Citi. Isso explicaria o tom agressivo de suas declarações no Brasil. "Eu levo a sério as críticas da imprensa e do mercado, porque, quando alguém começa a ignorá-las, é sinal de que começou a morrer", diz. A sua afirmação tem razão de ser. Em um ano, as ações do Citibank despencaram de US\$ 35 para US\$ 18. Este ano, o banco vai ter prejuízo de US\$ 300 milhões com o Brasil e outros US\$ 400 milhões com empréstimos imobiliários. "O mercado não gosta de erros e acha que um banco não pode errar nunca", afirma.

Reed não pode ser responsabilizado pelo erro de ter emprestado ao Brasil. Ele chegou ao board do banco em 1982, ano em que eclodiu a crise da dívida, com o co-

lapso cambial do México e em seguida do Brasil. O Citi cometeu outros equívocos, mais recentes. A crise dos empréstimos imobiliários que quebrou os bancos texanos pegou de cheio o banco, que tem aplicado nesse mercado cinco vezes mais do que emprestou ao Brasil. Além disso, o Citi é também credor de um americano famoso, cujo império hoje balança: Donald Trump.

Na entrevista ao **Estado**, Reed falou de sua vida, do seu trabalho, fez previsões sobre a evolução da crise mundial, a partir dos acontecimentos do Golfo Pérsico, e opinou a respeito da questão da dívida externa brasileira. Ele acha impossível que as negociações sejam feitas no Brasil, como chegou a pensar a equipe de negociadores do governo, e não mais em Nova York. Por uma razão simples: "Umas 400 pessoas teriam de ser deslocar para Brasília".

□ A entrevista de John Reed está na página 14



Ricardo Chaves/AE

Jonh Reed: "Quando chegar a Nova York, vou ter de explicar a muita gente a realidade brasileira"